



Práxis Educativa

ISSN: 1809-4031

ISSN: 1809-4309

Universidade Estadual de Ponta Grossa

Silva, Fabrício Oliveira da
Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa

Práxis Educativa, vol. 15, e2012960, 2020

Universidade Estadual de Ponta Grossa

DOI: <https://doi.org/10.5212/PraxEduc.v15.12960.006>

Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=89462860001>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais informações do artigo
- Site da revista em [redalyc.org](https://www.redalyc.org)

redalyc.org
UAEM

Sistema de Informação Científica Redalyc

Rede de Revistas Científicas da América Latina e do Caribe, Espanha e Portugal

Sem fins lucrativos acadêmica projeto, desenvolvido no âmbito da iniciativa
acesso aberto



Tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa qualitativa

Constitutive assembling of the (auto)biographical approach as a qualitative research device

Tesituras constitutivas del enfoque (auto)biográfico como dispositivo de investigación cualitativa

Fabrício Oliveira da Silva*



<http://orcid.org/0000-0002-7962-7222>

Resumo: Este trabalho tem como objeto uma discussão sobre as tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica no campo da pesquisa qualitativa. Aborda a relação com a fenomenologia social de Alfred Schutz, evidenciando como a abordagem (auto)biográfica se insurge como um dispositivo de pesquisa que traz à baila os sentidos que o homem produz nas discussões do *ser no mundo*. Das contribuições de Schutz (1979) e Husserl (1990), o artigo apresenta as características da abordagem (auto)biográfica pela óptica de Ferrarotti (1988), Josso (2004), Souza (2007), entre outros. O objetivo do trabalho é apresentar as tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica por meio da discussão de suas bases epistêmicas e da relação com a linguagem. Trata-se de um estudo bibliográfico, que mostra que a (auto)biografia tem sua base na fenomenologia social e concebe as narrativas como elemento de centralidade para os estudos das aprendizagens experienciais reveladas nas trajetórias de vida, formação e profissão de um sujeito.

Palavras-chave: Abordagem (auto)biográfica. Fenomenologia. Experiências.

Abstract: This paper aims to discuss the constitutive assembling of the (auto)biographical approach in the field of qualitative research. It addresses the relationship with Alfred Schutz's social phenomenology, highlighting how the (auto)biographical approach emerges as a research device that brings to light the senses that man produces in the discussions of *being in the world*. From the contributions of Shutz (1979) and Husserl (1990), the paper presents the characteristics of the (auto)biographical approach from the point of view of Ferrarotti (1988), Josso (2004), Souza (2007) and others. The objective of the paper is to present the constitutive assembling of the (auto)biographical approach through the discussion of its epistemic bases and the relation with the language. It is a bibliographical study that shows that (auto)biography is based on

* Doutor em Educação e Contemporaneidade pela Universidade do Estado da Bahia. Professor adjunto da Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), lotado no Departamento de Educação. Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE-UEFS). Coordenador e Pesquisador do Núcleo de Estudos e Pesquisas sobre Pedagogia Universitária (NEPPU). Membro do grupo de pesquisa Docência, Narrativas e Diversidade na Educação Básica - DIVERSO. E-mail: <fosilva@uefs.br>.

the social phenomenology, and conceives narratives as an element of centrality for the study of experiential learning revealed in the trajectories of life, formation and profession of a subject.

Keywords: (Auto)biographical approach. Phenomenology. Experiences.

Resumen: Este trabajo tiene como objeto una discusión sobre las tesituras constitutivas del abordaje (auto)biográfico en el campo de la investigación cualitativa. Aborda la relación con la fenomenología social de Alfred Schutz, evidenciando cómo el abordaje (auto)biográfico se insurge como un dispositivo de investigación que trae a la baila los sentidos que el hombre produce en las discusiones del ser en el mundo. De las contribuciones de Schutz (1979) y Husserl (1990), el artículo presenta las características del enfoque (auto)biográfico por la óptica de Ferrarotti (1988), Joso (2004), Souza (2007) entre otros. El objetivo del trabajo es presentar las tesituras constitutivas del abordaje (auto)biográfico por medio de la discusión de sus bases epistémicas y de la relación con el lenguaje. Se trata de un estudio bibliográfico, que muestra que la (auto)biografía tiene su base en la fenomenología social y concibe las narrativas como elemento de centralidad para los estudios de los aprendizajes experienciales revelados en las trayectorias de vida, formación y profesión de un sujeto.

Palabras clave: Enfoque (auto)biográfico. Fenomenología. Experiencias.

Introdução

Este trabalho emerge das leituras e das discussões que tenho feito no campo da pesquisa educacional, em que elejo a abordagem (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa para compreender as trajetórias de vida, formação e profissão de sujeitos que, pela narrativa, se constituem no movimento experiencial de ser no mundo da linguagem. Trata-se, portanto, de um trabalho bibliográfico, que traz para o debate as contribuições da fenomenologia para o entendimento da tessitura organizativa da abordagem (auto)biográfica, principalmente no que tange a sua natureza epistemológica de se inscrever no campo educacional como um método que valoriza o vivido e, disso, produz sentidos a partir das experiências que os sujeitos constroem em seus percursos formativos.

O texto tem por objetivo apresentar as tessituras constitutivas da abordagem (auto)biográfica, de forma a discutir suas bases epistêmicas e sua relação com a linguagem. O artigo está organizado em duas sessões, a partir das quais apresento o lugar da (auto)biografia no campo das pesquisas qualitativas, ressaltando as características da abordagem e sua base a partir das contribuições da fenomenologia.

Na primeira seção do texto, discuto as proposições da abordagem, de modo a apresentar suas características e o interesse pelo objeto de estudo que sempre é a vida do sujeito. No entanto, a vida constitui-se como objeto de investigação pelo campo da linguagem, que possibilita o sujeito narrar os fatos experienciais com os quais viveu, reconstruindo modos de ser e de viver as experiências. Nesse sentido, interessa analisar como a narratividade se insurge como um processo de reflexão que o sujeito faz de si mesmo ao reviver momentos de suas trajetórias. Nesse reviver, o sujeito narra construindo novas relações e sentidos que fazem emergir o valor das experiências. É nesse movimento que a abordagem é constituída a partir das discussões fenomenológicas que partem da concepção de que o homem é um ser no mundo e que se constitui por essa existência.

Na segunda seção, faço uma discussão sintetizada da linguagem como expressão das subjetividades, como forma de evidenciar o papel da linguagem, na constituição das narrativas. Nessa perspectiva, não trato da linguagem do ponto de vista estrutural, mas funcional, em que é por meio dela que a constituição de uma narrativa se processa e possibilita construir sentidos que estão na base do vivido, logo do narrado e construído pela dimensão da linguagem humana. Nessa

seção, discuto a base interpretativa das narrativas, fundamentando-as na teoria da interpretação de Paul Ricouer (1996).

Proposições da base epistêmica da abordagem (auto)biográfica

A grande contribuição da abordagem (auto)biográfica é possibilitar ao sujeito o conhecimento de si que se fundamenta em um modelo epistemológico concebido a partir da produção de narrativas que, entre outros papéis, têm a função de reconstruir o momento já vivido, em um outro tempo e dimensão estrutural, que já não é mais a vivida, mas, sim, a narrada. Segundo Josso (2004), a abordagem do método (auto)biográfico assinala um processo de mudança de perspectiva do pesquisador, por meio do apuramento de metodologias de investigação-ação-formação, articuladas à construção de uma história de vida. Além disso, demarca a contribuição de um conhecimento que abrange a formação, a autoformação e elucida as características de um público específico.

Segundo o que defendem Silva e Rios (2018), o ponto de partida de uma pesquisa (auto)biográfica é sempre a vida do sujeito, que passa a ser narrada e vivenciada em uma outra dimensão temporal, que não aquela em que originalmente os fatos ocorreram. É tomada pela dimensão dos processos formativos e indicações sobre a realidade social que devem ser buscadas inicialmente nela, isto é, na fusão da sua subjetividade com a estrutura social.

Ainda que a trajetória de um sujeito possa ser determinada pela sociedade e pela cultura, os acontecimentos e os encontros são em grande parte imprevisíveis, o que dá sentido aos aspectos interpretativos de uma narrativa, momento que o próprio sujeito que narra atribui um novo sentido à experiência vivida. Isso sugere que não se pode antecipar qual o peso que as experiências terão durante a trajetória de cada sujeito, principalmente por não haver condições de se saber como as experiências são tomadas pelo sujeito, salvo pela produção de sua própria narrativa, em que se volta para si e por meio dela reconstrói o vivido em um novo tempo.

É nesse sentido que a vida em si é uma aventura. Importa e muito, para os que trabalham com o método, se as vivências podem ou não se transformar em autoconsciência. Em outras palavras, passar pela reflexão, pela elaboração, pela interpretação. E essa interpretação está necessariamente articulada a uma temporalidade. Segundo Erebén (1996):

A essência do método biográfico consiste, mais precisamente, em investigar a forma como a autoconsciência de terceiros é empregada para produzir sua própria autoformação. O sujeito humano pode interpretar a si mesmo somente através da ação de interpretar os sinais captados no mundo que o círcunda. Não existe qualquer noção de si mesmo ou de identidade que seja transmitida geneticamente. Estamos unidos ao passado e ao futuro, visto que é uma característica constitutiva da mente humana possuir uma memória e a capacidade de projeção. Assim, o passado está sempre necessariamente ligado a um futuro e, quando este chegar, o passado já estará - desta mesma forma - ligado a um outro novo futuro. (EREBEN, 1996, p. 73).

Isso sugere que o método (auto)biográfico possui um aspecto intrarreflexivo que o pesquisador deve levar em conta, visto que, no método (auto)biográfico, o sujeito volta para si e desenvolve mecanismo de realizar a interpretação da narrativa que ele produz ao trazer à tona os sentidos que imprime para caracterizar as experiências que vivencia em algum momento de sua vida. Conforme sinaliza Souza (2007),

[...] o paradigma hermenêutico, no qual a abordagem comprehensiva se insere, destaca a importância do sujeito no seu papel de intérprete, onde a memória tem uma importância fundamental. A lembrança remete o sujeito a observar-se numa dimensão genealógica, como um processo de recuperação do eu, e, a memória narrativa, como virada significante, marca um olhar sobre si em diferentes tempos e espaços, os quais se articulam com as lembranças e as possibilidades de narrar experiências. Do ponto de vista gnosiológico, a hermenêutica fenomenológica busca compreender os sentidos de determinados fenômenos elaborados pelo sujeito, sendo que, nesses termos, a rememoração é sempre reflexão e autorreflexão. Trabalhar com a memória, seja a memória institucional ou a do sujeito, faz emergir a necessidade de se construir um olhar retrospectivo e prospectivo no tempo e sobre o tempo reconstituído como possibilidade de investigação e de formação de professores. A memória é escrita num tempo, um tempo que permite deslocamento sobre as experiências. Tempo e memória que possibilitam conexões com as lembranças e os esquecimentos de si, dos lugares, das pessoas, da família, da escola e das dimensões existenciais do sujeito narrador. (SOUZA, 2007, p. 63-64).

Como sinaliza o autor, a abordagem permite que o sujeito se veja a partir de um processo de recuperação dos sentidos de sua trajetória, construídas em diferentes tempos e espaços, que não aqueles em que os fatos ocorreram. Nessa concepção, os trabalhos que são desenvolvidos por essa abordagem permitem que os sujeitos colaboradores possam usar a sua memória, para produzir narrativas que, em outro tempo, permitam-lhe exercer um papel de intérprete de sua própria trajetória, construindo novos saberes em diferentes tempos e espaços de sua formação, sobretudo das histórias de vida, que são foco fundamental da (auto)biografia.

Josso (2004) considera que a abordagem (auto)biográfica constitui-se em um meio que o sujeito utiliza para observar um aspecto central das situações educativas, permitindo uma interrogação das representações do saber-fazer e dos referenciais que servem para descrever e compreender a si mesmo no seu ambiente natural. Nesse sentido, a experiência de vida narrada configura-se como uma formação que se processa em uma experiência direta, que permite aos sujeitos pensarem pela (auto)biografia como suas identidades e subjetividades vão ganhando corpo pela trajetória de formação que experienciam.

A concepção epistemológica de fundamentar-se na ciência do humano, das interações e das relações sociais, faz com que o método (auto)biográfico torne-se legítimo, não apenas em decorrência de ser um método em que se utiliza a narrativa, mas também porque a biografia, segundo Ferrarotti (1988), é uma micro relação social. Aquele que narra sua história de vida, ou até mesmo de formação, sempre narra para alguém. Assim, quando o sujeito, no processo de elaboração de sua narrativa, considera, de algum modo, o fato de que há a necessidade de estabelecer uma comunicação com o seu interlocutor. Ao produzir a narrativa, traz para o texto elementos que demonstram a intencionalidade de trazer à baila aquilo que considera relevante contar/narrar.

Isso se aplica à situação da entrevista, na qual o pesquisador é quem estimula e recolhe a narrativa. É nessa dimensão que compreendemos o que nos diz Ferrarotti (1988, p. 27) ao afirmar que “[...] quem conta a sua vida, não conta a um gravador mas sim a um indivíduo”. Além do mais, sua narrativa não é um relatório de acontecimentos, mas a totalidade de uma experiência de vida que ali se comunica. Disso se evidencia o caráter de intencionalidade comunicativa da narrativa (auto)biográfica e, por isso, por mais que se pretenda disfarçar, “[...] toda entrevista é uma interação social completa, um sistema de papéis, expectativas, de injunções, de normas e valores implícitos, e por vezes até de sanções” (FERRAROTTI, 1988, p. 27). Isso sugere que o modo de produção em que uma entrevista foi produzida não pode ser desconsiderado na análise. Há todo um contexto formativo que está diretamente associado ao método. Não se trata apenas de uma forma de se fazer coleta de dados para a realização da pesquisa, mas de garantir que os dados sejam elementos vitais

que permitam ao próprio sujeito que os produz compreender os caminhos e os sentidos que construiu em sua trajetória.

Aí está o valor do método para a área educacional por valorizar os processos de formação dos sujeitos, levando em consideração a totalidade da vida de uma pessoa, permitindo o desenvolvimento de um tipo de sociologia, considerada pelos autores holística, que se adequa às especificidades de cada indivíduo, sobretudo quando se trata de sujeitos que estão em algum tipo de processo formativo, em que o método aparece como um novo processo de formação, permitindo ao sujeito conhecer a si e a ressignificar sua trajetória de formação. Esse fato me leva a entender a posição assumida pelos autores, ao considerarem que há uma impossibilidade de separar a investigação (auto)biográfica dos processos de formação, exatamente por entenderem que se trata de um método estimulante de tais processos.

A formação de educadores consagra-se como uma área de principal atuação da abordagem, dado que dificilmente se pode interferir na formação dos outros, sem antes ter a pretensão de buscar compreender a sua própria formação. Esse é um movimento formativo, em que o mergulho deve ser constante e diário na busca que o sujeito desenvolve a fim de dar um novo sentido a sua trajetória de vida e de formação, com o objetivo de também compreender as trajetórias dos outros que se apresentam, em uma pesquisa (auto)biográfica, como vitais para a realização de um estudo nesse campo.

A abordagem (auto)biográfica está diretamente relacionada, diria que fundamentada, nas bases de uma fenomenologia social, que visa produzir compreensões sobre a fala dos sujeitos, autores de suas histórias e de suas próprias experiências. Essa perspectiva tem direta relação com o método fenomenológico e o pensamento social, logo também existencial, tomados aqui como fundamentos de uma fenomenologia social e existencial, visam esclarecer sobre o ser do homem, trazendo à baila suas estruturas existenciais e abandonando qualquer teoria que não considere o verdadeiro sentido da existência.

Essa abordagem tem por objetivo alcançar o sentido da existência humana em sua totalidade, sem considerar em princípio aspectos caracterizadores de cada indivíduo, que possam desqualificar ou não evidenciar o fenômeno que se mostra. Assim, para a fenomenologia existencial, o homem é tomado como indefinível, no sentido de não ser classificado a partir de princípios ou sistemas elucidativos da existência humana. A ideia do existencial e do social partem da concepção de que o homem se constitui como ser-no-mundo. O homem é sempre, desde o seu surgimento, a relação com o mundo. Estando no mundo, o ser humano cria relações com o mundo e só existe porque o mundo existe. A sua existência está atrelada ao mundo em que vive. Ser-no-mundo é uma estrutura que se fundamenta da ideia da totalidade, em que o homem se constitui e se realiza sempre na totalidade, não cabendo a ideia de se poder ver a existência a partir de elementos isolados. Para Heidegger (1988), a expressão composta “ser-no-mundo” mostra que pretende referir-se a um fenômeno de pluralidade. “Mesmo o estar só é ser-com, no mundo. Somente ‘num’ ser-com e ‘para’ um ser-com é que o outro pode faltar. O estar só é um modo deficiente de ser-com” (HEIDEGGER, 1988, p. 172)

Nesse cenário, a utilização dessa abordagem nas pesquisas em educação visa, entre outros objetivos, entender a relação entre sujeito, sua trajetória e o esquema de conceitos que se produzem a partir das narrativas e dos relatos de experiências pelos quais cada um passa ao longo do seu processo formativo. Essa abordagem difere de outros modelos, por não isolar as trajetórias biográficas singulares dos eventos sociais em sua complexidade. O evento social assume posição relevante no cenário das pesquisas (auto)biográficas, uma vez que permite aos indivíduos compreenderem os sentidos das ações que desenvolvem ao longo da vida, principalmente em se tratando de processos formativos.

No campo educacional, sobretudo nos estudos de história de vida-formação-profissão de professores, é recorrente a produção de justificativas para a escolha da (auto)biografia pelo fato de que essa abordagem permite ao sujeito revisitar sua trajetória, buscando ver nela como o ser professor se constitui no movimento da vida, constituída por experiências que moldam a forma de pensar e de agir de uma pessoa. Ademais, tal abordagem permite ao pesquisador interagir diretamente com o sujeito de sua pesquisa, recorrendo aos processos interlocutórios, como forma de permitir ao sujeito dar sentido a sua própria trajetória, por meio da linguagem, que emana nas narrativas diversas produzidas por alguém que fala de si, a partir da condição de ser um humano, que vive, atua e age sobre um mundo, produzido na cotidianidade e na relação com o outro.

Alfred Schutz (1979), autor que teve inspiração na filosofia husseriana e na sociologia weberiana, em seus estudos buscou estabelecer as bases de uma Fenomenologia Social, voltada ao mundo da vida e do senso comum. A preocupação do autor consistiu em tentar entender o sentido do mundo e da vida cotidiana, ou seja, a forma como as pessoas interagem umas com as outras no dia a dia. É a partir dessa ideia que se afirma ter Alfred Schutz desenvolvido uma fenomenologia do social, entendida como uma fenomenologia da atitude natural.

Compreender o mundo do senso comum é compreender a ação social de como o sujeito estabelece relações e produz sentido a partir dessas mesmas relações. Assim, ao ler as ideias de Schutz, evidencio que o centro da questão gira em torno da compreensão do sentido que ganham as ações cotidianas para os sujeitos. Dessa feita, a concepção do mundo do senso comum é produzida a partir da interpretação subjetiva do sentido, ou, ainda, da maneira concreta como os seres humanos interpretam, na vida diária, sua própria ação e as ações dos demais. Nessa direção, toda ação está relacionada ao discurso que se produz dela a partir da realidade social. Entendê-la requer o exercício constante de apreensão pela linguagem e pelo pensamento humano. Inserir-se no mundo é operar nele pelas vias de comunicação, produzindo relações intersubjetivas, o que, segundo Schutz (1979), sustenta a realidade social.

Considerando as contribuições de Schutz (1979) a respeito dos procedimentos metodológicos elaborados nas ciências sociais para compreender a realidade, tem-se a ideia de que tais dispositivos são importantes ferramentas para a compreensão dos princípios gerais que regem o conhecimento humano. É nesse cenário que a pesquisa (auto)biográfica se constitui em uma relevante abordagem metodológica, pela qual a narratividade pode ser compreendida e entendida por meio das relações que o sujeito estabelece a partir da linguagem. Por se tratar de pesquisa, cabe ao investigador ser também um sujeito que se insere no mundo por meio de estabelecimentos de relações sociais, que ganham sentido a partir dos processos comunicativos que a linguagem faculta. Se estando no mundo tem-se a prerrogativa de ter de se comunicar nele, dentre tantas formas de estabelecer a comunicação, vejo a língua como poderosa ferramenta, que permite ao sujeito imprimir sentido a sua existência por meio da narrativa. A tarefa de um pesquisador, que deseja se arvorar pelo método (auto)biográfico não será outra que não a de “[...] tener por tarea reconstruir el modo en que los hombres interpretan, en la vida diaria, su proprio mundo” (NATANSON, 1974, p. 32).

Tendo o surgimento no início do século XX, a fenomenologia como ciência tem suas origens fundamentadas no pensamento do sociólogo Edmund Husserl (1990), e se consagra como um método que tem se desenvolvido gradualmente e em constante processo de transformação. Seu principal objetivo é o de desenvolver uma filosofia sem pressupostos. Como ponto de partida para conseguir esse feito, parte-se das experiências do ser humano, que, para Husserl (1990), é consciente, dado que o homem em sua trajetória vive e age no mundo, interpretando-o e produzindo consciência, que nunca é gestada em si mesma, pois, de acordo com as ideias do autor, só se pode falar em consciência de alguma coisa.

Nessa direção, em *A ideia da Fenomenologia*, Husserl (1990) leva a entender o lugar das experiências na vida cotidiana. Define-as como sendo uma atenção voltada aos objetos, sejam eles reais, materiais ou ideais, mas que é intencionada, uma vez que os objetos são sempre construídos pela veia da percepção, em que são sempre vistos, lembrados e pelos sujeitos passam a ser modificados. Essa condição gera as experiências que só têm sentido por serem frutos da consciência do homem sobre os fatos que ocorrem no mundo e que ao homem é dado o direito de produzir reflexões e interpretações.

A fenomenologia parte do princípio de que essa reflexão é possível e que ela se constitui a partir da consciência individual, mas que esta, além disso, permite a criação de uma consciência coletiva, que Husserl (1990), na base de sua psicologia fenomenológica, chega a descrever um fenômeno a que ele chama de redução intersubjetiva, de uma consciência comum àquilo que une as consciências individuais na unidade fenomenológica da vida social. Para compreender como o autor chega à ideia de uma redução intersubjetiva, ele leva a perceber que as tessituras de uma consciência individual, que se desenvolvem no âmbito da pessoalidade de cada sujeito, ressoam socialmente em uma dimensão da coletividade.

A fenomenologia de Husserl (1990) é compreendida a partir da eliminação de toda noção preconcebida a respeito da natureza última dos objetos com os quais se preocupam a mente humana. O ponto de partida que o autor considera é produzido a partir do que ela chama de “suspensão da crença” em um “mundo exterior”, seja esse mundo real concebido de modo ingênuo pelo indivíduo, seja o mundo interpretado de forma sofisticada pelos cientistas filósofos. Assim, a realidade do mundo exterior não é nem negada, muito menos confirmada. Fica em uma dimensão do que Husserl considera estar entre parênteses, em uma redução fenomenológica.

A redução pode ser entendida como uma busca da compreensão dos elementos essenciais do que os atores dizem por meio de relatos e de narrativas como indicativo da verdade que se revela pela sua consciência transcendental, quando expressam um cotidiano demarcador do fenômeno (DERRIDA, 1996). A observação de Lyotard (1999) parece esclarecer a relação do ator com o seu objeto, dado que a intencionalidade é seu objetivo, embora seja igualmente uma dotação de sentido. Dessa forma, o autor afirma que:

O sentido do mundo é assim decifrado como sentido que eu dou ao mundo; mas tal sentido é vivido como objetivo, descubro-o, de outra forma não seria o sentido que o mundo tem para mim. Ao proporcionar-nos a análise intencional, a redução permite descrever rigorosamente a relação sujeito-objeto. Esta descrição consiste em por em ação a filosofia imanente à consciência natural, e não em desposar passivamente o dado [...]. (LYOTARD, 1999 p. 34).

Nessa direção, percebo que as principais características da fenomenologia correspondem à possibilidade de se explorar situações, experiências e práticas com foco na visão dos próprios atores; a descoberta de novos conhecimentos, em vez de verificar o saber já conhecido; a não generalização dos resultados da pesquisa estatisticamente, por trabalhar com amostras intencionais e experiências singulares; a exigência de uma habilidade do pesquisador para interagir com o interlocutor, permitindo fluir a entrevista como um diálogo que o narrador faz consigo mesmo, ressignificando suas experiências.

A consciência humana surge nesse contexto a partir do momento que se eliminam todos os pressupostos ontológicos. Nessa dimensão, Husserl (1990) considera serem os objetos intencionados pela consciência humana que dão lugar às experiências que o homem desenvolverá no mundo. Há ainda de se considerar que o referido autor desenvolve uma preocupação central em torno da experiência subjetiva, apontando duas dimensões: em uma ele confere atenção aos

processos conscientes da própria experiência - ao neótico; e com aquilo que é objeto da experiência - o noemático.

Husserl (1990) não acredita que a redução fenomenológica se produza no nível empírico, pois os resultados obtidos nesse nível, segundo sua teoria, são submetidos a um segundo processo de redução. Ao desconsiderar a “dimensão factual do fenômeno”, o *eidos* das formas *a priori* da experiência é descoberto. Desse modo, segundo Schutz (1979, p. 82), Husserl inaugura a fenomenologia eidética, em que a redução fenomenológica revela o fenômeno da verdadeira experiência interna. Schutz (1979) percebeu a importância da abordagem fenomenológica apresentada por Husserl e enveredou pela convicção de que esse autor apresentava questões cruciais para a sua investigação, que também passa pelo lugar da experiência humana oriunda das relações que são estabelecidas no mundo. Em outras palavras, Schutz (1979) buscava nos estudos de Husserl compreender o problema da intersubjetividade. Nessa busca, observou que aquele autor não havia conseguido resolver o problema da intersubjetividade no nível da fenomenologia transcendental, exatamente por ter considerado que Husserl não era familiarizado com os problemas concretos das ciências sociais. Nessa seara, Schutz figura como um cientista social que se propôs a realizar diversas e importantes contribuições para compreender o fenômeno de tipificação nas esferas da vida cotidiana.

O ponto de partida que quero destacar no contexto desta discussão centra-se na base epistemológica da fenomenologia, principalmente a partir dos estudos de Alfred Schutz (1979), por esse autor considerar as experiências humanas subjetivas. Na perspectiva metodológica da base epistêmica fenomenológica, os estudos em (auto)biografia voltam-se como modos de compreender o processo de produção identitária dos sujeitos participantes no âmbito de suas produções experienciais no que tange aos percursos de vida e de formação. A partir da compreensão fenomenologia da existência experiencial do ser, a (auto)biografia possibilita entender que as experiências subjetivas dos sujeitos participantes são sempre tomadas como ponto de partida para que se possam trazer à tona os sentidos que os sujeitos constroem pela dinâmica de produção de suas intersubjetividades.

Schutz (1979) focou o mundo da vida a partir de diversos ângulos. No entanto, vou considerar e apresentar três desses ângulos, por eles terem uma relação direta com os pressupostos epistemológicos da base fenomenológica do método (auto)biográfico. O primeiro ângulo incide no fato de o autor ter analisado a atitude natural que todo ser humano utiliza para operar na vida. Considera-se no bojo da questão, as posições assumidas diante dos fatos objetivos, que dizem respeito às condições para as ações que são impostas aos objetos que nos circundam, bem como a vontade e a intenção de outros atores com os quais se convive, portanto se negocia. Esse primeiro ângulo caracteriza-se pela sua natureza pragmática e predominantemente realista. Está fundamentado em uma óptica objetiva do homem ser-no-mundo. A relação que se estabelece entre o homem e o objeto é uma relação natural e previsível, que não é fato específico de um determinado sujeito, mas que se observa no coletivo.

No segundo ângulo, vê-se que Schutz (1979) refletiu sobre os principais fatores que circunscrevem a conduta de qualquer sujeito particular no mundo da vida. Qualquer que seja o momento ou a fase de sua vida prática, o homem não se encontra em uma situação plenamente específica que o impõe limitações, condições e oportunidades para a realização de seus objetivos, pois essa situação se constitui como um episódio do curso da vida. A coletividade é sempre uma ideia constante na obra do referido autor, pois não há um mundo particular, salvo pela subjetividade que cada sujeito desenvolve a partir das representações do mundo socialmente partilhado. A ideia de particularidade está centrada nas experiências que cada pessoa desenvolve ao longo de sua vida. Aqui há a ideia da trajetória que se consagra não como um momento específico da vida humana,

mas como o conjunto de experiências que desenvolve ao longo de sua vida. Nesse ângulo, destaco a confluência da base epistemológica de Schutz (1979) com o que se propõe metodologicamente desenvolver nesta pesquisa, em que a trajetória será tomada como uma dimensão de se validar as experiências vividas por cada um dos sujeitos participantes da pesquisa. Segundo a perspectiva deste ângulo do mundo da vida, o autor considera que tanto o conjunto das experiências, como uma determinada experiência particular, são algo peculiar na trajetória de vida de uma pessoa. Assim, de acordo com esse princípio, concluo que a todo momento o sujeito encontra-se em uma situação biograficamente determinada pelas relações que se estabelecem entre o sujeito e o mundo que o cerca.

Disso é possível inferir que uma pessoa, do ponto de vista subjetivo, não consegue vivenciar a mesma situação, de uma mesma maneira. Cada um terá uma condição diferente de desenvolver uma experiência, que será ao mesmo tempo peculiar e distinta no que tange aos sentidos que se pode imprimir em cada uma. Pensar, portanto, na perspectiva de aplicar o método (auto)biográfico a fim de se compreender como as trajetórias dos sujeitos explicam a produção identitária, tomando as experiências formativas, parece-me muito pertinente, até mesmo para revelar quais os sentidos que essas experiências, no campo de suas singularidades, possuem.

Por meio da abordagem (auto)biográfica, é possível compreender como a trajetória de formação docente é construída e vista pelo sujeito, na sua relação com o outro, com suas travessias formativas, de atuação profissional, logo consigo mesmo. Acredito, portanto, que essa é uma abordagem por meio da qual é possível depreender os sentidos que cada sujeito que narra ou relata sua vivência atribui valores, sentidos e significados intersubjetivos à experiência formativa que se consolida em diferentes tempos e espaços de formação. Falar de si e poder refletir sobre os sentidos permite ao sujeito compreender as relações intersubjetivas que se desenvolvem no bojo da reflexão que faz sobre as práticas do exercício cotidiano de constituir-se sujeito produtor de experiências.

Nesse cenário, a abordagem serve para constituição e produção de um modelo interpretativo, em que as narrativas são representativas, tanto para dizer sobre os conhecimentos adquiridos pelo sujeito, como também se constituir em um mecanismo de produção de novos conhecimentos acerca das trajetórias de formação. Entendo que toda narrativa reflete uma práxis humana, daí sua relação com a fenomenologia, que concebe as ações do homem como eixo de observação e de interpretação da vida cotidiana. São as experiências que podem ser observadas, explicadas e interpretadas pela abordagem (auto)biográfica, foco do terceiro ângulo por meio do qual Schutz (1979) analisa a vida humana no cotidiano.

O terceiro ângulo está diretamente relacionado ao conjunto das experiências que um sujeito adquire ao longo de sua vida. Nessa perspectiva, Schutz (1979) trata, nesse ângulo, das condições que uma pessoa tem para tomar decisões durante sua existência. Infiro a condição de que nos mobilizamos a partir dos estoques de experiências que acumulamos ao longo de nossa vida.

Toda e qualquer decisão só poderá ser tomada se sempre recorrermos a esse estoque, levando em consideração que acumulamos saberes e que esses saberes nos orientam em qual direção seguir. Portanto, seguir direções, criando novas formas de pensamento, ação e reflexão, está diretamente relacionado ao repertório de experiências que acumulamos ao longo de um processo de formação. É da construção de repertórios de experiências que se entende a lógica de um professor ministrar aulas diferentes da forma que sempre fez, buscando na sua atuação profissional construir outros jeitos e modos de desenvolver a docência. Isso se dá pela própria evidência de aprendizagens experenciais que o professor vai construindo ao longo de sua história de vida e de formação. Ao revisitá-lo seu repertório de concepções e valorações, tem sempre a perspectiva de fazer diferente, na crença, portanto, de fazer algo melhor. Nesse pensamento, incide a ideia de inovação pela transformação de práticas que o docente vai desenvolvendo ao longo de

sua atuação, tornando-a evidente por meio das narrativas de formação e de atuação profissional, em que as práticas e as experiências se singularizam na narratividade de cada sujeito.

No contexto dessa discussão, em que a abordagem (auto)biográfica se singulariza como relevante para estudos no campo da educação, sobretudo no que tange à formação de professores, a ideia de formação parece ganhar sentido, na medida em que é nela que o sujeito passa a desenvolver condições de tomar decisões sobre como atuar na prática profissional. O conjunto, portanto, de experiências que são constituídas na trajetória de formação passa a ser elemento fundamental para explicar o modo como este pensa e age na profissão que exerce.

Isso diz muito sobre os estudos (auto)biográficos que tomam as trajetórias dos sujeitos como objeto de estudo. Compreender as experiências vividas por uma pessoa é o mesmo que compreender como ela pensa e age no mundo. Se, por um lado, é verdade que as nossas decisões estão sempre relacionadas ao estoque de nossas experiências, é também verdadeiro o fato de que só podemos ressignificar uma experiência se a ela já atribuímos um sentido anterior, que é único e peculiar de cada pessoa. Daí o fato de, em uma dimensão da subjetividade, estarmos sempre revisitando as nossas experiências, imprimindo a cada uma delas um sentido que é nascido da condição de já ter vivido outras tantas experiências.

A Linguagem como expressão das subjetividades

O método (auto)biográfico desenvolve-se a partir de uma base fenomenológica que nasce da concepção de que o homem é um ser de linguagem. Todas as relações que no mundo se estabelecem fazem-se por meio de diversas formas de estabelecer a comunicação entre a espécie humana, logo de produzir uma linguagem comum a todos que em uma determinada comunidade vivem. É pela linguagem que nos constituímos sujeitos de pensamento e de experiências. A apropriação de uma linguagem faz do homem um ser de desenvolvimento intelectual e social. Essa ideia é defendida por Leontiev (2004), quando afirma que:

A apropriação da linguagem constitui a condição mais importante do desenvolvimento mental de um humano, pois o conteúdo da experiência histórica dos homens, da sua prática sócio-histórica não se fixa apenas, é evidente, sob a forma de coisas materiais; está presente como conceito e reflexo na palavra, na linguagem. (LEONTIEV, 2004, p. 348).

Esse autor destaca ainda que a linguagem não serve apenas para estabelecer a comunicação entre os homens. Ela se constitui também como uma forma de pensamento da humanidade, em que se registram todas as experiências, invenções e motivações que o homem desenvolve em seu curso histórico. Os sentidos que se imprimem, ao mundo e às coisas que nele estão, são dadas por meio da linguagem, em que, para o método (auto)biográfico, a palavra assume lugar relevante por se configurar como um elemento de produção e representação das concepções, dos valores e dos sentidos que imprimimos para a nossa vida. Sejam nos contextos mais gerais de nossas trajetórias, sejam em contextos específicos de formação, nos quais narrativas se apresentam como produtos da linguagem que dão sentido ao pensamento e as ações do homem. A despeito da função da linguagem, Leontiev, (2004) assevera que

[...] a linguagem não desempenha apenas o papel de meio de comunicação entre os homens, ela é também um meio, uma forma da consciência e do pensamento humanos, não destacado ainda da produção material. Torna-se a forma e o suporte da generalização consciente da realidade. Por isso, quando, posteriormente, a palavra e a linguagem separam da atividade prática imediata, as significações verbais são abstraídas do objeto real e só podem, portanto existir como fato de consciência, isto é, como pensamento. (LEONTIEV, 2004 p. 93-94).

Partindo para estabelecer uma relação entre palavra e as experiências que desenvolvemos ao longo de nossas trajetórias, Luria (1986) mostra-nos que é por meio da palavra que as experiências são produzidas e conhecidas. A linguagem, nesse contexto, vai além da condição de mero elemento de comunicação, pois assume condição de produtora de relações, permitindo aos sujeitos, ao a usarem, constituírem-se como sujeitos de pensamento e de experiências. A linguagem atravessa uma dupla dimensão epistemológica de compreender-se a relação do sujeito e do objeto, pois tanto permite ao sujeito expressar-se sobre o objeto, como a um sujeito interagir com outro, ratificando a ideia de que o sujeito não somente opera sobre o objeto, mas que os sujeitos se inter-relacionam e se influenciam mutuamente por meio da linguagem.

O homem sem a linguagem só se relacionava com aquelas coisas que observava diretamente, com as que podia manipular. Com a ajuda linguagem, que designa objetos, passa a se relacionar com o que não percebe diretamente e que antes não entrava em sua experiência. A palavra duplica o mundo dando ao homem a possibilidade de operar mentalmente com objetos, inclusive na ausência deste. Finalmente, duplicando o mundo, a palavra assegura a possibilidade de transmitir a experiência de indivíduo a indivíduo e a possibilidade de assimilar a experiência das gerações anteriores. (LURIA, 1986, p. 32-33).

A linguagem ganha espaço significativo no método (auto)biográfico, uma vez que é por meio dela que as subjetividades afloram no discurso daquele que produz uma narrativa. A construção linguística é ordenada de maneira a identificar, por marcas estruturais, motivações e significados que cada pessoa é capaz de produzir no momento que narra um fato que lhe é pessoal. A despeito dessas marcas, Schutz (1979) chamou atenção para o fato de que a linguagem deve ser considerada em seus aspectos estruturais, como tipologia frasal e formas sintáticas, como pistas de se perceber as intenções que o sujeito imprime ao fazer uso da linguagem. É nessa direção que o autor tratou a linguagem como um meio universal da cultura, utilizada cotidianamente pelas pessoas. Particularmente o seu interesse centrava-se em aspectos técnicos, focando seu olhar para a depreensão dos significados mais amplos que desse tipo de linguagem podia emergir. Para a fenomenologia, o homem é um ser de linguagem e é nela e por meio dela que as experiências são externadas e compartilhadas entre os sujeitos, que vivem em uma dimensão social em que a palavra é portadora de sentidos e resguarda o modo de pensar e de agir do ser humano.

Nas pesquisas com a abordagem (auto)biográfica, a linguagem, por meio das narrativas e dos relatos, veicula os sentidos que os participantes constroem ao refletirem a sua trajetória de vida, de formação e de profissão. É por meio dela que as reflexões são produzidas, para além das narrativas que cada sujeito tem a oportunidade de fazer emergir os saberes e as vivências experienciais que se insurgem da relação com os outros, logo das implicações intersubjetivas. Não se trata de produzir uma análise discursiva das narrativas que se produzem no movimento de uma pesquisa, mas de se observar, pela perspectiva funcionalista da linguagem, de acordo com Labov (2008), os sentidos discursivos que ali se produzem, relacionando-os à base epistemológica da abordagem (auto)biográfica, que permite compreender como o caminho percorrido foi entendido, interpretado e reconstruído em uma dimensão da individualidade que se reflete nas ações do coletivo. Tal como a linguagem, que se particulariza na produção dialógica de um sujeito, mas que é sempre fruto de uma estrutura coletiva e complexa, tal como a sintaxe, que a depender de sua estruturação favorece um tipo ou outro de interpretação.

A ideia que Schutz (1979) desenvolve é a de que os termos, as frases e as formas sintáticas, em si mesmos, remontam a um tipo de interpretação prévia do mundo nomeado nesses termos, caracterizado por essas frases e descrito com o auxílio de suas formas sintáticas e gramaticais. Nessa lógica, os termos, as frases e as formas de estruturação sintática são investidos de significados particulares, e são, consequentemente, associados a emoções e a sentimentos daquele que produz uma narrativa. Alguns dos significados que emergem de um tipo estrutural de linguagem são peculiares de um ou de outro grupo de pessoas, que, além de revelar a condição social, a faixa etária,

a dimensão geográfica, entre outros, a estrutura da linguagem que um sujeito utiliza demonstra os seus aspectos motivacionais e emotivos.

Em direção semelhante ao tratamento da linguagem, mas fazendo distinção entre estrutura linguística e discursiva, Ricouer (1996) considera que a linguagem se funda em duas entidades irredutíveis: os signos e as frases. Há uma clara relação de que as frases estão para a estrutura linguística, assim como os signos para o discurso. É neste último, para o autor, que a linguagem produz significados, considerando a intencionalidade e a situacionalidade do sujeito ao estar inserido na produção discursiva.

Como a proposta metodológica a partir do método (auto)biográfico se caracteriza, geralmente, pela utilização da narrativa como fonte de produção de dados, em se tratando dos recursos, tais como memoriais, entrevistas narrativas e os ateliês, é pertinente refletir sobre algumas considerações que Ricouer (1996) faz sobre a linguagem, visto que é com base nas concepções desse autor que se desenvolveu um relevante caminho para a realização de análises, denominado compreensivo e interpretativo, em que se toma a narrativa do próprio sujeito para desenvolver os aspectos compreensivos e interpretativos que são fundantes para depreender os sentidos que dali emergem. É um modo de entendimento que se caracteriza, principalmente pela centralidade nos fundamentos e nas dimensões da produção discursiva que o sujeito faz ao produzir linguagem. Na análise interpretativa de narrativas, o que predomina é a compreensão dos conteúdos semânticos, construídos a partir de uma dimensão fenomenológica que faz ecoar as subjetividades do sujeito (RICOUER, 1996).

Nesse sentido, Ricouer (1996, p. 85) faz clara distinção entre discurso e estrutura linguística, quando nos diz que “[...] a linguagem se funda em duas entidades, irredutíveis, os signos e as frases”. Assim conclui que os sentidos partem das frases, mas são produzidos pelos signos, objeto de estudo da semiótica, definindo-a como a ciência dos signos, formal na medida em que se funda na dissociação da língua em partes constitutivas. É a partir da concepção de que o sentido está nos signos que Ricouer (1996) relaciona o discurso às bases da fenomenologia de significação, a partir da investigação lógica de Husserl. Nessa direção, ele trata duas dimensões do discurso: uma que considera o discurso como evento e a outra como predicação.

O discurso como evento da linguagem produz a ideia de que a mensagem possui uma existência temporal, uma existência na duração e na sucessão. A mensagem põe, portanto, atualidade na língua, cabendo ao discurso fundar genuinamente a existência da língua, visto que só os atos de discurso discretos e únicos em cada tempo atualizam o código. Assim, o autor relaciona a ideia de evento a significado, mostrando que os significados são oriundos das temporalidades e das situacionalidades em que cada sujeito se insere. Daí a concepção de que a mensagem se singulariza em dois aspectos relevantes a serem considerados: quem produz e como é produzida a mensagem.

As narrativas são verdadeiras emanações de sentido que uma pessoa produz a partir do uso efetivo do código linguístico, logo estrutura do sistema. No entanto, há condições para além do que se apresenta pela estrutura do sistema que possibilitam a fruição dos sentidos. Desse modo, as narrativas são interpretadas e compreendidas a partir da consideração de que há uma dimensão da temporalidade balizadora dos sentidos do ato de narrar, bem como das situações, para Ricouer (1996), eventos, que são tecidos com base nas significações de cada ideia, momento ou representação simbólica de que o sujeito lança mão para produzir os sentidos daquilo que enuncia em sua narração. Desse modo, a concepção de discurso está associada a uma condição de evento, aquilo que ocorre nas dimensões da linguagem e que evanesce, produz de forma perene seus significados. A atualidade do discurso centra-se na óptica de que a mensagem se produz na existência de uma temporalidade.

O tratamento que Ricouer (1996) dá ao discurso como predicação focaliza a frase como o predicado, logo parte que contém o verbo. Nele, o verbo tem uma dimensão de representar a ação e a temporalidade dessa mesma ação. Assim, a estrutura relaciona-se ao evento, estando, neste último, a condição de produção de sentidos. O verbo na predicação marca o tempo da ação, mas só no evento é que essa ação tem a dimensão da situacionalidade, bem como das marcas da temporalidade discursiva a partir dos signos que são construídos pelo uso da linguagem durante uma narração.

Para Ricouer (1996), a linguagem realiza-se como discurso. Este, por sua vez, é acontecimento, na medida em que alguma coisa acontece quando alguém fala. O discurso diferencia-se do sistema da língua, pois dizer que o discurso é acontecimento implica reconhecer que ele acontece no tempo. Ele remete sempre a um locutor, por isso o acontecimento consiste em que alguém fala e escreve. O discurso é sempre sobre alguma coisa; ele se refere a algo que pretende descrever e/ou representar. Para o autor, é sempre nele que se trocam todas as mensagens, o que remete à existência do outro e, portanto, do diálogo, das narrativas.

Além de ser acontecimento, o discurso é, também, significação. Ele ocorre como acontecimento e é compreendido como significação; supera-se, enquanto acontecimento, na comunicação. No discurso, o acontecimento e o sentido se articulam “[...] e tal articulação é o nó de todo o problema hermenêutico, pois em sua análise, o que se quer compreender não é o discurso em si, mas a significação que permanece” (RICOUER, 1996, p. 87).

É dessa condição de desejar compreender a significação que permanece na produção discursiva de uma narrativa que se busca compreender, a partir da produção discursiva que colaboradores fazem quando narram suas histórias de vida e formação, constituindo as narrativas como forma de produção da linguagem em que os sujeitos se constituem e constituem significados a partir das suas experiências de vida e de formação.

Se no movimento da linguagem e do constante resgate da memória o sujeito narrador se constitui um sujeito, é nesse mesmo movimento que se ancora na abordagem (auto)biográfica como abordagem de base fenomenológica que revela a condição de “[...] instaurar-se como um movimento de investigação-formação ao enfocar o processo de conhecimento e de formação que se vincula ao exercício de consciência, por parte do sujeito, das itinerâncias e aprendizagens ao longo da vida” (SOUZA, 2007, p. 45).

A abordagem (auto)biográfica está diretamente relacionada a uma concepção de educação construída ao longo da vida de um sujeito, valorizando o seu processo de formação e os sentidos que se constroem pelas trajetórias de formação. Assim: “As narrativas (auto)biográficas não são, apenas, descrições ou interpretações de acontecimentos pessoais, mas constituem uma ação social por meio da qual o indivíduo retotaliza sua trajetória de vida e sua interação com o social” (FERRAROTTI, 1988, p. 78).

Nesta seara, a (auto)biografia revela-se como um método de dimensões pertinentes para a realização de pesquisas qualitativas, sobretudo no campo da educação, pois lida com as histórias de vida e de formação do sujeito, a partir de vários dispositivos que permitem fluir as subjetividades pela experiência que desenvolve na relação com o outro e consigo mesmo. Trata-se, portanto, de uma abordagem que coloca o sujeito no centro da questão, ao passo que centraliza também o pesquisador que assume papel participante no cenário da pesquisa, por também ser um sujeito de experiências que se coloca na dimensão de compreender o outro pela sua própria condição formativa.

Considerações

Este trabalho possibilitou compreender como a abordagem (auto)biográfica se inscreve no campo das pesquisas qualitativas, sobretudo como relevante para a realização de estudos que se voltam para investigar as histórias de vida e de formação de professores. Por meio de uma análise das bases epistemológicas, a pesquisa (auto)biográfica constitui-se no campo da fenomenologia existencial, por centrar no vivido e no ser no mundo. A existencialidade emerge como forma de vida que se constitui por meio da ação de pensar e de narrar esse pensamento, dando corpo ao discurso por meio da linguagem.

Foi possível analisar a relação entre as contribuições de Schutz (1979) e Husserl (1990) para pensar a (auto)biografia como abordagem que se inscreve no campo fenomenológico da existência humana, pelo viés das intersubjetividades marcadas pela experiência em sua configuração narrativa. São das relações que o homem estabelece com o mundo, logo com o outro e consigo mesmo, que as dimensões intersubjetivas se evidenciam discursivamente por meio das narrativas, o que credencia a abordagem (auto)biográfica a se constituir como um relevante método de estudo no campo da educação, em que as narrativas são instrumentos fundamentais para compreensão das aprendizagens experienciais do ser no mundo.

Assim, o trabalho possibilitou compreender como a abordagem (auto)biográfica se insurge em uma base fenomenológica da existência do ser, colocando o sujeito como o centro do processo investigativo. O sujeito, nessa lógica, não é objeto de investigação, mas o produtor dos sentidos que se constitui a partir do movimento experiencial de ser no mundo. A narrativa ganha destaque por se caracterizar como um dispositivo que permite produzir uma articulação da experiência formativa, produzindo um diálogo entre o individual e o sociocultural, em que o sujeito vai mobilizando saberes do seu arsenal de conhecimentos adquiridos durante a sua trajetória. É nessa seara que se pode abordar a dimensão narração, formação e auto formação, em que as trajetórias formativas revelam as múltiplas redes de relações, as quais identificam as identidades dos sujeitos, bem como a forma como elas vão sendo construídas pelos processos de formação.

Em uma articulação entre a fenomenologia e as histórias de vida, a abordagem (auto)biográfica favorece a produção de entrevistas narrativas, que não se constituem apenas em uma listagem de acontecimentos da vida de um sujeito, como forma de ordenação aleatória de sua trajetória de vida. Para além disso, esse dispositivo constitui em uma tentativa de relacionar os acontecimentos de sua vida, em um novo tempo e sentido que se atribui, caracterizando novas experiências. Esse dispositivo facilita alinhar os acontecimentos de modo a criar um enredo, estruturado por uma concepção de espaço e tempo formativo, que dão sentido à trajetória do sujeito, permitindo, assim, o desenvolvimento de uma história que tem começo e fim e que pode sempre ser reconstruída em novo tempo e espaço, logo produzindo novos sentidos e revelando novas experiências. Trata-se, portanto, de um dispositivo que favorece uma organização dos fatos relevantes da vida de uma pessoa, que, ao narrá-los, os organiza de forma a potencializar as experiências vividas, apoiando-se na oralidade e na competência reflexiva que a linguagem lhe permite fazer.

Referências

- DERRIDA, J. **A voz e o fenômeno**. Lisboa: Edições 70, 1996.
- EREBEN, M. “**Biografía y autobiografía**”. El significato del método autobiografico. Semestre sulla condizione adulta e processi formativi- 4 Otome, 1996. Milano, Edizione Angelo Guerini e Associati, 1996.
- FERRAROTTI, F. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, A.; FINGER, M. (orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde. Departamento de Recursos Humanos da Saúde/Centro de Formação e Aperfeiçoamento Profissional, 1988. p. 17-34.
- HEIDEGGER, M. **Ser e tempo**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1988.
- HUSSERL, E. **A idéia da fenomenologia**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1990.
- JOSSO, M. C. **Experiências de vida e formação**. São Paulo: Cortez, 2004.
- LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. Tradução de Marcos Bagno; Maria Marta Pereira Scherre; Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola, 2008.
- LEONTIEV, A. **O desenvolvimento do psiquismo**. São Paulo: Centauro, 2004.
- LURIA, A. R. **Pensamento e linguagem**: as últimas conferências de Luria. Tradução de Diana Myria Lichtenstein; Mário Corso; Sérgio Spritzer. Porto Alegre: Artes Médicas, 1986.
- LYOTARD, J. **A fenomenologia**. Lisboa: Edições 70, 1999.
- NATANSON, M. Introducción. In: SCCHUTZ, A. **El problema de realidade social**. Buenos Aires: Amorrortu, 1974. p. 11-32.
- RICOEUR, P. **Teoria da interpretação**. Tradução de Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1996.
- SCHÜTZ, A. **Fenomenologia e relações sociais**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- SILVA, F. O.; RIOS, J. A. V. P. Aprendizagem experiencial da docência no PIBID. **Práxis Educativa**, Ponta Grossa, v. 13, n. 1, p. 202-218, jan./abr. 2018. DOI: <https://doi.org/10.5212/praxeduc.v13i1.0012>
- SOUZA, E. C. de. (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções**: a invenção de si. Porto Alegre: EDIPUCRS; Salvador: EDUNEB, 2007.

Recebido em 19/11/2018

Versão corrigida recebida em 16/07/2019

ACEITO em 17/07/2019

Publicado online em 08/08/2019